

**Alberto Andrés Heller** é pianista, compositor, regente e pesquisador, com graduação e pós-graduação em música em Weimar, Alemanha (1993 a 1998), mestrado em Educação na UFSC com o trabalho *Ritmo, motricidade, expressão: o tempo vivido na música* e doutorado em Literatura, também na UFSC, com o trabalho *O silêncio e as vozes: três leituras de John Cage*.

Residindo em Florianópolis desde 2000, Heller divide suas atividades entre o piano (apresenta-se como concertista regularmente em várias cidades do Brasil e da Alemanha), a composição (destacando-se *Oratório de Natal* e o *Concerto para piano e orquestra* – em 2005 a *Camerata Florianópolis* gravou em CD várias de suas obras para orquestra: *Campeche*, *Adagio*, *Suíte sobre temas infantis brasileiros*, *Tema com variações*, *14 Bis* e *Tango-Toccata*), a regência (desde março de 2004 é regente titular da *Associação Coral de Florianópolis*) e a pesquisa (encontra-se em vias de publicação seu livro *Fenomenologia da Experiência Musical*). Em 2006 estará lançando em CD sua mais recente composição, ‘*Musicando a Poesia Catarinense*’, vinte poemas de autores catarinenses musicados para coro e piano, com a participação do *Polyphonia Khoros*.

### **Mvzika – Como você lida com o fato de desenvolver paralelamente diversas atividades?**

Heller – Nem sempre é fácil, mas é sempre rico e gratificante. Jung disse certa vez que a vida não requer perfeição, mas completude. Acredito nisso. Quanto mais você quer se especializar em algo, mais você precisa estabelecer pontes com outras áreas do conhecimento.

### **Mvzika - Isso não poderia conduzir à superficialidade, em vez da profundidade?**

Heller – Eventualmente, sim. É preciso cuidar muito. Mas, sinceramente, acho difícil que um músico possa ser completo (se é que isso é possível) pelo simples estudo obsessivo de um instrumento. Mais que instrumentista, é preciso ser músico; mais que músico, é preciso ser artista; mais que artista, é preciso ser gente.

### **Mvzika – O estudo atual da música propicia tal experiência?**

Heller – Se a pessoa tiver interesse e permitir, sim. O que, lamentavelmente, não ocorre com frequência. As pessoas têm pressa por resultados, e os buscam de formas equivocadas. A obsessão por resultados pode nos tirar a atenção do caminho, que é o que realmente importa (um pensamento bem oriental). O que se busca – a vivência artística – independe, de certa forma, do domínio técnico de um instrumento (daí o ‘permitir’).

### **Mvzika – Isso exige disciplina?**

Heller – Muita! Trata-se de um paradoxo: quanto maior a liberdade, mais se precisa de disciplina. Não a disciplina da severidade autopunitiva, mas uma disciplina amorosa.

**Mvzika – Você se identifica mais com a figura do pianista, do regente ou do compositor?**

Heller – Depende do momento e da situação. Prefiro pensar que sou todos e ao mesmo tempo nenhum deles. É bom lembrar que tal divisão seria impensável para um músico da Renascença ou do Barroco; foi a crescente especialização que separou as atividades de composição e de interpretação.

**Mvzika – Todo intérprete deveria compor?**

Heller – Acredito que todo intérprete deve ter a experiência de compor, sim, independentemente de qualquer juízo de valor, assim como qualquer leitor deve ter a experiência da escrita. Somos muito mais capazes e criativos do que pensamos. Em geral as pessoas se deixam assustar ou bloquear pela figura mitologizada do compositor.

**Mvzika – Como você vê a música hoje?**

Heller – Acho preocupante quando a música é tratada como entretenimento (apesar dela entreter tão maravilhosamente). Em certo sentido, a Antiguidade e mesmo a Idade Média mostraram uma preocupação mais profunda e genuína em relação à música que a que se vê hoje. Incomoda-me sobremaneira, também, o pseudo-academicismo que invade as universidades, onde a necessidade de titulação e as carreiras acadêmicas fazem proliferar textos e autores medíocres.

**Mvzika – É possível comparar o nível dos profissionais da música brasileiros com os de outros países?**

Heller – Temos profissionais de primeira linha! É um erro freqüente achar que o que vem de fora é melhor (resquícios de uma mentalidade colonialista). Infelizmente perdemos muitos desses profissionais brilhantes por falta de estrutura, não apenas econômica (basta dizer que, em pleno 2006, um teatro como o CIC em Florianópolis não dispõe de um piano adequado para grandes concertos). Um dos grandes problemas no meio musical brasileiro é a enorme quantidade de “profissionais” (formados ou não – em arte, diplomas não dizem muito) despreparados. Muitas vezes tais profissionais chegam até a ocupar posições de destaque em suas comunidades, e mesmo assim insistem em não procurar ajuda no sentido de preencher as lacunas em sua formação musical. Ignorância não é crime; comodismo, sim. Quantos não escondem (ou pensam que escondem) suas inseguranças atrás de uma imagem de poder e de vaidade! Devemos procurar referenciais melhores e mais dignos. Em arte nunca se está pronto, nunca se sabe tudo; sem humildade e autocritica não damos o próximo passo, e o outro se afigura sempre como uma possível e eventual ameaça. Ética e coleguismo só nos farão crescer.